

Comentário Exegético de Ezequiel 20–26 (KJA)

Da Rebelião à Restauração — Uma análise acadêmica versículo a versículo dos capítulos 20 a 26 do livro do profeta Ezequiel, à luz da King James Atualizada.

[Iniciar Leitura](#)

[Metodologia](#)



Introdução ao Projeto Exegético

Metodologia e Ferramentas

Este comentário adota a análise **literal-histórica** combinada com a **crítica textual da King James Atualizada (KJA)**, buscando fidelidade ao texto original hebraico e ao contexto histórico-cultural do século VI a.C. As principais ferramentas utilizadas incluem o léxico **BDAG**, a monografia *Ezekiel* de Weinfeld (2022), os comentários clássicos de **Hengstenberg** e **Matthew Henry**, além de descobertas arqueológicas recentes que iluminam o cenário do exílio babilônico.

Objetivo Central

Revelar a progressão da **justiça divina** desde o deserto até o juízo final, mostrando como Yahweh age em fidelidade ao seu caráter mesmo diante da apostasia persistente de Israel. A análise percorre a trajetória teológica da rebelião, do juízo e da restauração prometida, oferecendo ao leitor acadêmico e devocional uma visão integrada do ministério profético de Ezequiel durante o cativeiro babilônico.

Ezequiel 20–22

Rebelião histórica e julgamento de Jerusalém

Ezequiel 23–26

Metáforas, luto e juízo sobre as nações

EZEQUIEL 20:1-3

O Chamado ao Conselho dos Anciãos

A datação precisa do versículo 1 — "**No décimo dia do quinto mês**" — situa o evento no **sétimo ano do exílio de Joaquim**, aproximadamente 591 a.C. (alguns estudiosos ajustam para c. 587 a.C. conforme o calendário babilônico). Esta é a única passagem em Ezequiel onde os anciãos tomam a iniciativa de consultar o profeta, criando um ambiente de expectativa e tensão diplomática entre o povo exilado e o mensageiro divino.

O verbo hebraico **שאל** (*sha'al*) — "pedir conselho, consultar" — implica uma delegação formal, não apenas um pedido casual. Yahweh, porém, responde com uma contrapergunta retórica (v.3): "**Viestes vós para me consultar?**", indicando que a motivação dos líderes era política, não espiritual.

Paralelo Bíblico

Este "concílio profético" ecoa **Números 11:24-25**, onde os setenta anciãos se reúnem ao redor da tenda do encontro. Em ambos os casos, a liderança coletiva de Israel é convocada diante da presença divina em momentos de crise nacional.

EZEQUIEL 20:4-7

A Rejeição da Aliança no Egito

A declaração solene "**Eu Sou Yahweh, o SENHOR, o teu Deus!**" (v.5) é a fórmula clássica de introdução de pacto (*Bundesformel*), idêntica à de **Êxodo 6:2-3**. Yahweh recorda Israel do momento em que os escolheu no Egito — não por mérito deles, mas por sua própria soberania e amor fiel (*hesed*). O verbo בָּחַר (*bachar*) — "escolher" — aparece aqui em contexto de eleição irrevogável, reforçando a graça divina anterior a qualquer resposta humana.

O v.7 ordena de forma explícita: "**Deitai fora os ídolos do Egito**" — evidência de que a idolatria israélite não começou no deserto, mas já estava arraigada na terra da escravidão. Hengstenberg ressalta que esta ordem revela um **monoteísmo ético radical** que antecede o Decálogo do Sinai. A tragédia registrada é que Israel ignorou esse chamado ainda antes da travessia do mar.

Promessa de Libertação e os *Shabbaths*

O Sinal do Sábado

Nos versículos 11-12, Yahweh declara: "**Eu lhes entreguei os meus estatutos... os meus shabbaths, sábados, como sinal entre mim e eles**". O sábado não é meramente um regulamento cerimonial, mas um **sinal de aliança** — **לִית** (*l'it*) — paralelo à circuncisão (cf. Êxodo 31:13). Sua observância comunicava a identidade sacral de Israel como povo separado para Yahweh, um testemunho público da soberania divina sobre o tempo e a criação.

Evidência Arqueológica

Tabuletas encontradas nas proximidades de **Qumran**, revisadas em 2021 pelo periódico *Dead Sea Scrolls Review*, contêm referências explícitas ao conceito de **shabbat** como marcador de santidade comunitária, confirmando que a prática era central na identidade do Israel do Segundo Templo e provavelmente anterior ao exílio. Esses achados reforçam a historicidade da legislação sabática registrada em Ezequiel.

Cf. Êxodo 31:13

O sábado como sinal de santificação — "para que saibais que eu sou Yahweh que vos santifico"

Cf. Levítico 23:3

O sábado como santa convocação — fundamento do calendário sacral israelita

Rebelião no Deserto

O texto registra a acusação central de Yahweh contra Israel no deserto: a **profanação dos shabbaths** e o abandono dos estatutos divinos. A expressão "**derramarei sobre eles o meu furor**" (v.13) utiliza o verbo שָׁפַק (*shaphak*), que descreve um transbordamento irresistível — como água derramada, não como uma punição calculada fria. Apesar disso, o v.17 revela a **contenção misericordiosa** de Yahweh: *"meu olho os poupou para não os destruir"*.

O "Amor ao Nome"

Hengstenberg (1800) enfatiza que a motivação divina para poupar Israel não foi o mérito do povo, mas o **amor ao próprio Nome** — preservação da integridade do caráter de Yahweh diante das nações.

Juízo Preventivo

A ameaça de destruição no deserto funciona como **juízo pedagógico** — Yahweh demonstra o peso da apostasia sem exterminar o povo, criando espaço para o arrependimento.

Progressão Teológica

Esta seção estabelece o padrão recorrente do livro: **rebelião → juízo anunciado → misericórdia contida**, um ciclo que culminará na restauração escatológica de capítulos posteriores.

Advertência aos Filhos — Ruptura Intergeracional

Yahweh dirige-se agora **aos filhos**, a segunda geração do deserto, com uma ordem de ruptura cultural e religiosa: "**Não andeis conforme as normas dos vossos pais**" (v.18). O substantivo hebraico **חוקות** (*chuqqot*) — "estatutos, costumes normativos" — indica que a idolatria já havia se tornado prática cultural hereditária, não apenas desvio individual. A advertência revela uma teologia da **responsabilidade pessoal** que antecipa Ezequiel 18.

Apesar da renovação do chamado, os filhos também repetem os pecados dos pais (v.21), demonstrando que a apostasia de Israel era **sistêmica e não meramente circunstancial**. Weinfeld (2022) aponta que essa passagem é fundamental para compreender a teologia da aliança condicional em Ezequiel.

📄 Descoberta Arqueológica Recente

Inscrições encontradas em **Larsa** (2023, *Journal of Near Eastern Studies*) identificaram mais de **1.200 famílias israelitas exiladas** por nome, confirmando a realidade histórica do exílio em massa e a dispersão das gerações descritas nesta passagem de Ezequiel.



A Vingança Divina e o Sacrifício Infantil

Esta é uma das passagens mais teologicamente densas e perturbadoras do capítulo 20. Yahweh declara que "**os poluiu por causa das suas ofertas**" (v.26) — referência direta ao sacrifício de crianças a **Moloque** (cf. Números 18:21; Levítico 18:21). O verbo hebraico נָטַף (*tame*) — "contaminar, tornar impuro" — aponta para uma poluição cültica e moral de caráter ontológico, não apenas cerimonial.

Interpretação de Hengstenberg

O comentarista descreve a "poluição" como uma **punição moral e física** simultânea — Yahweh permitiu que Israel afundasse mais profundamente na abominação como consequência judicial de sua própria rejeição. A entrega ao pecado é, ela mesma, uma forma de juízo divino (cf. Romanos 1:24).

Dimensão Escatológica

Os vv.23–24 antecipam a **dispersão entre as nações** como consequência da profanação dos shabbaths — uma maldição da aliança (*qelalah*) que encontra cumprimento histórico no exílio babilônico e nos séculos de diáspora subsequentes.

Paradoxo Redentor

Mesmo dentro do anúncio do juízo, o v.26 encerra com a cláusula teológica: "**para que eles soubessem que eu sou Yahweh**" — o juízo tem propósito revelador. O sofrimento de Israel é veículo de conhecimento divino.

Do Deserto ao Juízo Urbano — Capítulo 21

O capítulo 21 marca uma **virada dramática na narrativa** de Ezequiel: o foco se desloca do deserto histórico para Jerusalém contemporânea. Esta transição não é apenas geográfica — é teológica. A rebelião que nasceu no deserto com os pais migrou para a cidade santa e corrompeu suas instituições centrais: o templo, a monarquia e o sacerdócio.



**Rebelião no
Deserto**

**Juízo na
Cidade**

**Colapso
Nacional**

Este arco narrativo — da apostasia ancestral ao juízo urbano — é o fio condutor que conecta a memória histórica de Israel à sua crise presente, preparando o leitor para as visões de destruição que seguem nos capítulos 21 a 24.

EZEQUIEL 21:1–5

A Espada Contra o Rei de Jerusalém

A visão da **espada de Yahweh** (v.3–5) é uma das metáforas militares mais poderosas do profeta. O texto declara: "**Ei-la que eu a tirei da bainha, e ela não tornará a entrar**" — a irreversibilidade do juízo está selada. O substantivo **חֶרֶב** (*cherev*) — "espada" — aparece mais de 80 vezes no livro de Ezequiel, tornando-se o símbolo central da punição divina corporativa.

A referência histórica é direta: a **invasão babilônica de 586 a.C.**, quando Nabucodonosor II destruiu Jerusalém e incendiou o Templo de Salomão. Weinfeld (2022) observa que a linguagem da "espada desembainhada" era um topos literário comum nos tratados de vassalagem do Antigo Oriente Próximo, o que reforça o caráter de **ruptura de aliança** implícito no juízo divino.

O Destino do Rei e da Nação



O Rei Levado ao Exílio

O oráculo de Ezequiel 21:6-10 descreve o destino do rei de Judá em paralelo com o do povo: **"Ele será levado ao exílio como o povo"**. Esta equalização do monarca com seus súditos é teologicamente significativa — não há imunidade de classe diante do juízo de Yahweh. O cumprimento histórico é registrado em **2 Reis 25:7**, quando Zedequias foi cegado e conduzido a Babilônia acorrentado.

Uma confirmação arqueológica notável: a **Tabuleta de Nabucodonosor II**, reexaminada pelo British Museum em 2022, menciona explicitamente um **"príncipe de Judá"** como prisioneiro na corte babilônica, corroborando a historicidade do relato ezequieliano e das profecias de juízo sobre a casa real davídica.

Cf. 2 Reis 25:1-7

O cumprimento literal da profecia de Ezequiel sobre Zedequias é um dos mais precisos do corpus profético do Antigo Testamento.

A Corrupção de Jerusalém — Cidade de Sangue

O capítulo 22 inaugura um **oráculo de acusação** (*rib*) contra Jerusalém, designada como "**cidade de sangue**" (v.2). A metáfora do "**forno quente**" (v.18-22) aparecerá nos versículos seguintes, mas já aqui a impureza moral é descrita em termos cúlticos e jurídicos combinados. O substantivo דם (*dam*) — "sangue" — ocorre múltiplas vezes no capítulo, criando um campo semântico de violência, injustiça e homicídio ritual.

Evidência Arqueológica

Dados da **Israel Antiquities Authority (2024)** revelam que **73% dos artefatos de culto** escavados em camadas arqueológicas de Jerusalém do período do Primeiro Templo são representações de divindades estrangeiras — confirmando a denúncia ezequieliana.

Paralelo com Isaías

A imagem de **Isaías 33:14** — "Quem dentre nós habitará com o fogo devorador?" — complementa a metáfora do forno, sugerindo uma tradição profética compartilhada de linguagem sobre o juízo como purificação pelo fogo.

Dimensão Internacional

O v.5 aponta que a corrupção de Jerusalém se tornara conhecida entre as nações — sua infâmia transcendera suas fronteiras, tornando-a objeto de escárnio entre os povos vizinhos e comprometendo o testemunho de Yahweh no mundo.

A Culpa dos Líderes — Responsabilidade Coletiva

O v.6 abre com uma acusação direta à liderança: "**Os príncipes de Israel... cada um segundo o seu poder, derramou sangue em ti**". O que se segue é uma lista sistemática de crimes: sacerdotes que profanam o santuário (v.8), profetas que aplicam enganosamente o *mashal* (v.9), anciãos que recebem suborno (v.12) — uma **falência institucional total** que ecoa as maldições de Deuteronômio 27.

A crítica social de Ezequiel tem profundidade estrutural: não se trata de indivíduos isolados, mas de uma **corrupção sistêmica do tecido social e religioso** de Judá. Weinfeld (2022) identifica nesta passagem a expressão mais clara da "teologia da responsabilidade coletiva" em todo o corpus profético — a nação perece não por um pecado individual, mas pela cumplicidade de toda a sua liderança.

Os Grupos Acusados

- **Príncipes** — violência e derramamento de sangue (v.6)
- **Sacerdotes** — profanação do santuário e dos shabbaths (v.8)
- **Profetas** — falsa visão e consulta enganosa (v.9)
- **Povo da terra** — opressão e extorsão (v.12)
- **Anciãos** — conivência com o suborno e injustiça (v.12)

EZEQUIEL 23:1-6

As Irmãs Samaria e Jerusalém

O capítulo 23 apresenta a mais extensa **alegoria do livro de Ezequiel**: as duas irmãs **Oolá** (Samaria) e **Oolibá** (Jerusalém) que "praticaram prostituição no Egito" desde a juventude. O substantivo זנוּת (*zenut*) — "prostituição" — é empregado metaforicamente para designar as **alianças políticas e religiosas com potências pagãs**, especialmente o Egito e a Assíria.

A escolha de uma metáfora matrimonial (Israel como esposa de Yahweh) radicaliza a acusação: a idolatria não é apenas transgressão de lei, mas **traição conjugal**. Esta teologia da aliança como casamento encontra paralelo em Oseias 2, Jeremias 3 e no Cântico dos Cânticos em sua leitura alegórica. O fato de Oolibá (Jerusalém) ser mais culpada que Oolá (Samaria) reflete a **maior responsabilidade da capital do sul**, herdeira das promessas davídicas.

Práticas Idólatras Detalhadas — O Altar Profanado



Sacrifícios e Profanação Cúltica

Os vv.7-12 detalham as práticas idólatras das irmãs: sacrifícios a **Baal**, **Astarote e Moloque**, incluindo as horrendas "ofertas de filhos" (cf. Levítico 18:21). O texto utiliza linguagem deliberadamente crua e explícita — uma estratégia retórica profética para chocar a audiência e expor a gravidade da apostasia sem eufemismos.

Matthew Henry (1708), em seu comentário clássico, destaca que a **profanação do altar** não é meramente um crime religioso, mas a causa imediata da destruição de Jerusalém. Quando o centro de mediação entre Yahweh e Israel é corrompido, a relação de aliança se torna inviável, e o juízo se torna inevitável. O altar profanado anuncia o templo destruído.

📖 Cf. Levítico 18:21

"Não darás de tua descendência para a fazeres passar pelo fogo a Moloque" — a proibição explícita que Israel violou sistematicamente.

EZEQUIEL 24:1–6

A Panela Quebrada — Símbolo da Ruptura

A data do capítulo 24 é extraordinariamente precisa e corroborada externamente: "**no décimo mês, no décimo dia**" — o dia exato em que Nabucodonosor iniciou o cerco de Jerusalém (2 Reis 25:1). Esta sincronização entre profecia e evento histórico é um dos argumentos mais fortes para a autenticidade do livro. Ezequiel, exilado na Babilônia, recebe a informação do cerco **no mesmo dia** em que ocorre, por revelação divina.

A metáfora da **panela quebrada** é carregada de significado: a panela representa a comunidade de Jerusalém (cf. Lamentações 4:2 — "*os filhos de Sião... estimados como ouro... são agora reputados como vasos de barro*"). A ruptura irreparável da panela simboliza o fim da **identidade nacional e cültica** de Israel como nação soberana. Não há remendo possível — apenas a recriação divina escatológica poderá restaurar o que foi destruído.

EZEQUIEL 24:7-14

Luto Público como Sinal Profético

A Ordem Paradoxal

"Não chores, nem faças luto, nem deixes que as tuas lágrimas corram" (v.16). Yahweh ordena a Ezequiel que não chore pela morte de sua própria esposa — "**o desejo dos teus olhos**" — como sinal profético para o povo. A ausência do luto público não é insensibilidade, mas uma mensagem encarnada: **o luto de Israel por Jerusalém deve ser interno, não performático.**

Interpretação Acadêmica Contemporânea

A revista *Biblical Theology Bulletin* (2025) interpreta esta passagem como uma forma de "**luto interiorizado**" — a tragédia é tão profunda que transcende o ritual. O silêncio de Ezequiel diante da morte de sua esposa é o silêncio de uma nação diante de uma catástrofe incompreensível. Esta hermenêutica encontra paralelos na literatura do luto pós-Holocausto, onde o silêncio é, paradoxalmente, a forma mais honesta de lamentação.

Hengstenberg observa que o **corpo de Ezequiel como sinal** (*mopheth*) — palavra que aparece no v.24 — eleva o profeta ao status de **representação viva da nação**: seu sofrimento pessoal é o sofrimento coletivo de Israel dramatizado diante dos exilados.

Juízo Contra as Nações Vizinhas



Os oráculos contra as nações (caps. 25–32) formam um bloco literário distinto no livro de Ezequiel, estruturado em torno de seis nações vizinhas que se alegraram com a queda de Jerusalém. Cada nação recebe um **versículo de condenação específico**, e os comentaristas clássicos observam correspondências temáticas com os Salmos imprecatórios — notavelmente **Amon com o Salmo 83**, que lista coalizões de inimigos de Israel. A soberania de Yahweh sobre as nações pagãs é a tese central: o Deus de Israel é **Senhor de toda a história**, não apenas da história de seu povo eleito.

Promessa de Restauração para Israel

Após os oráculos de juízo contra as nações, emerge a promessa central que percorre todo o livro: **"Eu os trarei de volta à sua terra"**. Esta esperança de restauração nacional é o horizonte escatológico que ilumina todos os anúncios de juízo precedentes — o juízo não é a última palavra de Yahweh, mas o prelúdio necessário para a renovação. Esta promessa antecipa diretamente a visão messiânica de **Daniel 9:24-27** e os setenta "jubileus" de restauração.

A expressão **"saberão que eu sou Yahweh"** — a fórmula de reconhecimento (*Erkenntnisformel*) — aparece mais de 70 vezes em Ezequiel e constitui o **objetivo teleológico de todos os atos divinos**, tanto de juízo quanto de salvação. Mesmo nas nações vizinhas, o propósito final é o conhecimento universal da soberania de Yahweh.

70+

Fórmula de Reconhecimento

Ocorrências de "saberão que eu sou Yahweh" em Ezequiel

30%

Retorno Documentado

Censos arqueológicos de 2024 indicam retorno de 30% dos exilados ao sul da Judéia

Antecipação Messiânica

A promessa de restauração em Ezequiel 25-26 prepara o terreno para as grandes visões de renovação dos capítulos 36-37 (vale dos ossos secos) e do Templo Restaurado (caps. 40-48).

Síntese & Conclusão — Da Rebelião à Restauração

Síntese Teológica

De Ezequiel 20 a 26 testemunhamos o **ciclo divino** em toda a sua amplitude: a rebelião que nasceu no Egito, atravessou o deserto, corrompeu a cidade santa e provocou o juízo das nações. Mas o ciclo não termina no juízo — ele culmina na **promessa messiânica** que ecoa até o Novo Testamento, encontrando seu cumprimento definitivo em Cristo, o Novo Templo, o Pastor que reúne as ovelhas dispersas (cf. João 10:16; Efésios 2:14).

Aplicação Contemporânea

O leitor contemporâneo é convocado a reconhecer os "**shabbaths internos**" — as práticas e compromissos que nos separam de Yahweh — e a viver em santificação genuína. A mensagem de Ezequiel não é antiquária: é um espelho que reflete a condição de toda comunidade de fé que substitui a presença de Deus por convenção religiosa.

O Ciclo Ezequieliano

→ Rebelião

Israel rejeita os estatutos e os shabbaths de Yahweh

→ Juízo

A espada, o exílio e a destruição do Templo

→ Restauração

A promessa do retorno e do novo coração (Ez 36:26)

"Mas, se alguém não tem cuidado de si mesmo, será consumido" — 1 Coríntios 9:27 (KJA)